

CRÍTICA E SUBJETIVIDADE

Jorge Luiz Viesenteiner¹

Thana Mara de Souza²

A presente edição da Revista Sofia – v.4, n. 1 (2015) – traz um Dossiê especial intitulado “Crítica e Subjetividade”. Trata-se do resultado concreto das discussões realizadas no âmbito do **I Colóquio Internacional do Grupo de Pesquisa Crítica e Subjetividade** da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), que ocorreu entre os dias 13 e 15 de maio desse mesmo ano, no Campus Goiabeiras em Vitória/ES, bem como das discussões com outros pesquisadores membros do Grupo.

O evento contou com a participação de professores do exterior e de diversas universidades espalhadas pelo país, como UFES, UFPR, Unifesp, UFABC, UFF, USP, Unicamp, UFG, UnB e UFSCar. Além disso, o Colóquio contou ainda com a participação de estudantes de outras tantas universidades, tais como UFES, UFPR, UFMG, UFG, PUCPR, IFES e UFRJ, que apresentaram suas atuais pesquisas em âmbito de doutorado, mestrado e iniciação científica nas seções de comunicações e, por fim, com um Minicurso em torno do conceito de ‘crítica’, especialmente no horizonte estético da filosofia de Nietzsche. Em função da temática do Colóquio houve também a presença de profissionais de outras áreas, especialmente da psicologia, tanto como participantes/ouvintes quanto também apresentando suas pesquisas teóricas e inclusive pesquisas aplicadas no âmbito profissional, aspecto que sem dúvida aumentou qualitativamente o evento no quesito teórico e de abrangência.

Ressalte-se que o Colóquio exprime as atividades que vêm sendo desenvolvidas no âmbito do Grupo de Pesquisa Crítica e Subjetividade, envolvendo alunos de graduação e pós-graduação da UFES, discussões que não estão restritas, porém, apenas à UFES, mas sim que envolvem pesquisadores de várias universidades do país e exterior. Nesse caso, o Colóquio abriu espaço para o debate teórico em conferências e mesas redondas dos conceitos envolvidos no evento, especialmente em seus estatutos teóricos próprios, mas também vinculando às exigências e problemas da contemporaneidade, assim como o espaço para as comunicações de estudantes pesquisadores, aspecto que igualmente aumentou qualitativamente o debate do evento.

¹ Doutor em Filosofia pela Unicamp e Professor do Departamento de Filosofia da UFES.

² Doutora em Filosofia pela USP e Professora do Departamento de Filosofia da UFES.

O horizonte teórico que pautou o **I Colóquio Internacional do Grupo de Pesquisa “Crítica e Subjetividade”** direcionou o máximo possível o foco em torno dos conceitos de ‘Crítica’ e de ‘Subjetividade’ a partir de filósofos como Kant, Foucault e H. Arendt, mas especialmente nos filósofos Nietzsche e Sartre, autores por meio dos quais a concepção teórica do Colóquio foi pensada, cujos horizontes teóricos passo a esboçar em linhas gerais. Em termos específicos, ‘Crítica’ sempre tem um objeto a ser criticado e discutido com cada uma das estruturas da cultura, nas esferas da arte, da filosofia, da ciência, da religião, da moral, etc., e pode se configurar como um conceito negativo/desconstrutivo, ou positivo/construtivo. Pode ainda se referir a determinada tradição e discutir jurisdições específicas a partir das quais a razão pode ajuizar sobre algo, podendo então receber o estatuto de ter por objeto de crítica aquilo mesmo que foi pressuposto: a própria razão. Mas é possível também radicalizar a questão e forçar o próprio conceito de *crítica* se voltar contra si, a fim de considerar-se como objeto de crítica, numa espécie de dupla crítica: uma crítica da crítica. Neste caso, trata-se de revelar, mesmo no interior do horizonte da ‘crítica’, os anseios, as intenções, os credos, as determinações morais, etc., que se pretendem imunes ao questionamento crítico ou ocupar um espaço pretensamente neutro. Assim, por exemplo, não se trata apenas indicar a jurisdição da razão prática, espaço crítico de onde seja possível uma fundamentação moral, mas antes, de revelar/desmascarar a moralidade na própria fundamentação da moral, numa espécie de práxis que revela a moral na crítica à moralidade, isto é, questiona os anseios, as necessidades e as coerções morais que se ocultam, imunes na própria moralidade.

Uma crítica da crítica, além disso, para manter sua radicalidade, não pode evitar direcionar os próprios questionamentos críticos contra quem justamente os coloca, de modo que, nesse horizonte crítico, a pergunta tem de se voltar agora, por dever de honestidade, contra aquele que faz as próprias perguntas, configurando-se então como autocrítica, cuja finalidade, p. ex., pode ser a transformação de si – pois, com a crítica da crítica, aquele que se autocrítica tem possibilidade de se diferenciar em relação às condições criticadas. Esse último aspecto da crítica tem em Nietzsche seus principais ecos, mas como se vê, indissociável da própria tradição crítica kantiana.

Caso avancemos na radicalidade da crítica, é forçoso reconhecer que a *crítica da crítica* carrega, simultaneamente, a *experiência do limite*, e força a prática filosófica a se movimentar no interior e em torno de regiões limítrofes. Assim, a experiência do limite pode se desdobrar no limite da razão, no limite de si mesmo, ou ainda, no limite daquilo por meio do qual algo se faz compreender: o limite da própria linguagem. A experiência do limite na

racionalidade, por exemplo, significa um filosofar que conceitua aquilo que não pode ser conceitualizado, de modo que se considera algo no limite entre o *logos* e o *pathos*; na experiência do limite de si mesmo, aquele que pergunta se vê implicado nos próprios questionamentos, de modo que já não se sabe quem é Édipo ou quem é Esfinge, conforme escreve Nietzsche no aforismo 1 de *Para além de bem e mal*. Além disso, ainda na esteira da radicalidade da crítica, aquele que opera um criticismo contra uma cultura, tradição filosófica ou religiosa – tal como Nietzsche o fez respectivamente com a cultura alemã, com a tradição socrático-platônica e com o cristianismo –, tem de se incluir igualmente nesses mesmos horizontes criticados. Assim, a crítica de Nietzsche à cultura do seu país, a Alemanha tem de ser simultaneamente uma crítica contra si mesmo, na medida em que ele próprio foi alemão; ou ainda, a crítica de Nietzsche ao cristianismo também tem de ser autocrítica, na medida em que também foi influenciado pela força cultural do cristianismo. Justamente nesse aspecto que o conceito de crítica se vincula estreitamente com o horizonte positivo da subjetividade em Nietzsche, a saber, subjetividade como exercício autogenealógico.

Por fim, o conceito de crítica ainda carrega uma ambiguidade própria, a saber, a de carregar certos pressupostos por meio dos quais alguém procede com uma crítica. Nesse caso, a pergunta que se faz é se quem critica, por exemplo, a moral das virtudes – como Nietzsche também o faz –, não carregaria um certo horizonte de virtude por meio do qual ele procede com sua crítica, de modo que seria preciso pressupor desde sempre um certo conceito de virtude que permanece no interior do procedimento crítico.

Como se vê, o conceito de ‘Crítica’ não apenas se vincula a determinadas tradições filosóficas, notadamente a alemã, mas também possui estatutos filosóficos próprios, bem como limites e alcances típicos do procedimento daquele que critica. Esses vínculos tradicionais, estatutos próprios e alcances das noções de subjetividade e crítica foram objetos de investigação do Colóquio.

Do mesmo modo, ‘Subjetividade’ se refere ao modo como a filosofia contemporânea repensou o sujeito moderno, não mais atrelado necessariamente a uma racionalidade analítica, mas ligado principalmente à noção de vivência. Termo que em alguns filósofos ainda aparece no sentido de diálogo com a modernidade, mas um diálogo crítico que pretende eliminar o ponto mesmo de partida dessa filosofia – não mais pensando a partir da dicotomia sujeito-objeto, mas a partir de uma vivência que não permite mais de fato separar um termo do outro. Mesmo que em Sartre, por exemplo, ainda exista uma separação de direito e estática entre esses termos, concretamente o que há é a coexistência entre uma subjetividade, que não mais

se pensa isolada dos outros e do mundo; e uma objetividade que não mais se alcança senão por subjetividades nela inserida.

Assim, partindo da subjetividade como intencionalidade (noção tomada de Husserl, mas modificada a fim de radicalizá-la), Sartre repensa o ponto de partida da filosofia e coloca a necessidade de uma “vizinhança comunicante” (para usar uma expressão de Franklin Leopoldo e Silva) entre os termos, que ainda permanecem teoricamente separados, mas que concretamente se ligam de forma que se torna impossível pensar um deles sem pensar o outro. Não mais uma razão fechada em si mesma, mas um voltar-se para o mundo, um ‘ser-no-mundo’ que não anula, no pensamento de Sartre, a consciência – que se distancia e muito, no entanto, do conhecimento com a qual se identificava na modernidade. A crítica, portanto, ao sujeito moderno encontra-se, mesmo que de forma distintas, em quase toda a filosofia contemporânea. E é essa subjetividade que se mantém, ora como intencionalidade, ora como cogito tácito ou cuidado de si (para utilizarmos noções de Sartre, Merleau-Ponty e Foucault), que aparece como crítica à noção moderna, e que igualmente foram debatidas no Colóquio. Seja de forma mais radical, como em algumas obras posteriores de Merleau-Ponty, seja de forma a conservar ainda um idioma traduzido de forma a perder seu sentido, a subjetividade aparece na filosofia contemporânea como um dos aspectos da crítica à noção de sujeito da modernidade.

Nessa mesma esteira da crítica à subjetividade, Nietzsche se posicionaria por meio de duas direções distintas: por um lado, um horizonte negativo da crítica que se distancia do sujeito como núcleo fundamental de toda justificação – seja no sentido do cogito autocentrado, seja como resultado de uma economia pulsional, ou ainda subjetividade como produto da estrutura lógico-gramatical das línguas ocidentais, todas elas orientadas pelas proposições atributivas A é B; por outro lado, o horizonte positivo da crítica de Nietzsche remonta a noção de subjetividade como exercício autogenealógico, ou seja, como práxis que se constrói por meio do exercício de se reconhecer inserido no mesmo processo contra o qual se critica.

Esses diversos sentidos de crítica e conservação da subjetividade na filosofia contemporânea francesa e alemã foram trazidos à tona ao longo do minicurso ofertado por Henry Burnett (Unifesp), nas mesas redondas com os professores Fernando Mattos (UFABC), Alexandre Carrasco (Unifesp), Luiz Damon (UFSCar), Adriano Correia (UFG), André Garcia (UnB), Antonio E. Paschoal (UFPR), André Yasbek (UFF) e, por fim, nas três conferências realizadas sempre no período noturno, com a presença dos professores Oswaldo Giacoia

(Unicamp), Franklin Leopoldo e Silva (USP) e João Constância, da Universidade Nova de Lisboa/Portugal.

Os artigos do presente Dossiê exprimem os resultados efetivamente debatidos no Colóquio, como também a ampliação da contribuição de outros membros do Grupo de Pesquisa Crítica e Subjetividade, que embora não estiveram presentes ao evento, contribuem como pesquisadores do Grupo. Isso significa que o atual número da Revista Sofia cumpre a perspectiva do nosso Grupo de Pesquisa da máxima ampliação possível dos horizontes de debate. Gostaria ainda de destacar o espaço aberto na seção “Comunicações do Colóquio” pela Revista Sofia, cujos textos foram selecionados a partir das apresentações dos estudantes/pesquisadores e profissionais da área, durante as comunicações. O objetivo dessa seção é, por um lado, exprimir a efetividade das atividades acadêmicas ocorridas nas comunicações do Colóquio e, por outro lado, fomentar a contínua interlocução entre os conferencistas e os estudantes pesquisadores desde a Iniciação Científica até o doutorado, no cuidado clínico de não perder as interdisciplinaridades da filosofia com a psicologia e o ensino, por exemplo, que estiveram efetivamente presentes no Colóquio.

Com o presente número da Revista Sofia, esperamos contribuir com o debate teórico e com as demandas políticas contemporâneas que envolvem os conceitos de Crítica e de Subjetividade. Desejamos a todos e a todas uma excelente leitura, dispostos sempre à manutenção do debate e ao convite à comunidade acadêmica que de uma forma ou de outra se interessam pelas temáticas do nosso Grupo de Pesquisa Crítica e Subjetividade. Boas leituras!